

ESTEREÓTIPO E PRÉ-CONSTRUÍDO: É POSSÍVEL UMA ARTICULAÇÃO?¹

MÁRCIO ANTÔNIO GATTI*

RESUMO

Tendo em vista um tratamento pouco amplo do conceito de estereótipo pela Análise do Discurso francófona, este artigo pretende avaliar a articulação proposta em Amossy e Herscheberg-Pierrot (2001) entre os conceitos de estereótipo e de pré-construído. Inicialmente, aceita-se a articulação, mostrando alguns pontos de contato entre eles. Em seguida, trata-se de observar as características específicas de cada um dos conceitos reforçando sua separação em dois conceitos distintos e operantes na Análise do Discurso. Observando que é necessário ter cautela na articulação dos dois conceitos, propomos que há estereótipos ligados a discursos específicos, característica fundamental do pré-construído, e há aqueles que estão num domínio mais próximo da *doxa*.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso francesa, estereótipo, pré-construído.

1 INTRODUÇÃO

Desde algum tempo, os estudos da linguagem interessam-se em investigar a não homogeneidade dos discursos. Postulando que a linguagem tem uma relação constitutiva com a alteridade, o Círculo de Bakhtin (ver BAKHTIN (VOLOCHINOV) [1929] 2004), por exemplo, trabalhou essa ideia na metáfora do diálogo. Assim, nenhum discurso está livre tanto de uma “retomada” de outras vozes, como de uma responsividade futura.²

Também Authier-Revuz (2004) observou a questão formulando os conceitos de heterogeneidade mostrada e constitutiva. Ducrot (1987) a analisou nos termos de sua polifonia.³ Enfim, trata-se de um tópico bastante explorado e que, no âmbito da Análise do Discurso, ganhou contornos específicos com a ideia de Interdiscurso.

* Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus Sorocaba, São Paulo, Brasil.
E-mail: maggatti@ufscar.br

A ideia aparece fortemente defendida por Pêcheux em *Semântica e discurso*, em que interdiscurso é o “todo complexo com dominante das formações discursivas” (PÊCHEUX, 1975, p. 149) cuja objetividade material “reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (p. 149). De acordo com o autor, essa objetividade material é dissimulada na transparência do sentido das Formações Discursivas (FDs) e o efeito de pré-construído é “a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito” (p. 142). Essa discrepância revela que há um elemento que surge no enunciado como algo pensado antes e alhures, “mostrando”, na opacidade própria da língua, que a transparência do sentido é pura dissimulação. No entanto, para o sujeito, trata-se de uma evidência, como se aquilo que é da ordem do pré-construído fosse simplesmente um reflexo da verdade.

Maldidier (2003, p. 48) explicita que o efeito de pré-construído é aquele de uma distância entre o que está na afirmação global da frase e o que foi pensado anteriormente e em outro lugar. A autora afirma, também, que

irredutíveis a funcionamentos lógico-linguísticos, o pré-construído, assim como a articulação de enunciados, são o resultado de efeitos propriamente discursivos. Sua teorização reveste-se de um duplo aspecto. De um lado, eles designam processos discursivos que se desenvolvem sob a base linguística. De outro – é o ponto decisivo para a teoria do discurso – eles são o traço de relações de distância entre o discurso atual e o discursivo já-lá. O discurso atual não é o que sua imagem deixa ver, o sujeito não para de aí encontrar o “impensado do pensamento”. (p. 48)

Para Courtine, o pré-construído “marca a existência de um descompasso entre o interdiscurso como lugar de construção do pré-construído e o intradiscurso, como lugar da enunciação por um sujeito” (2009, p. 74).

Observemos, então, que o ponto essencial da ideia de pré-construído é a sua estreita relação com a interpelação dos indivíduos em sujeitos de um discurso e não só o fato da detecção de que algo fala antes. O diferencial dessa noção é que ela mostra o lado discursivo do

fato linguístico da implicação: as formas de existência da subjetividade e sua relação com as ideologias.

Não é, pois, somente o que é dito antes, mas o que é dito antes e que sempre está já-lá, interpelando o indivíduo em sujeito. É essa realidade da existência do antes e do agora que mostra a interpelação ao analista, na medida em que se pode observar o funcionamento do intradiscurso e do interdiscurso. Revelados os pré-construídos, o interdiscurso e a interpelação tornam-se, de certo modo, mais evidentes ao analista.

Mas é um trecho do texto de Amossy e Herschberg-Pierrot que nos faz visitar o conceito de pré-construído. Trata-se de uma articulação entre esse conceito e o de estereótipo:

O estereótipo se relaciona, assim, duplamente com o pré-construído: no sentido de que designa um tipo de construção sintática que aciona o pré-afirmado e, num sentido mais amplo, de que o pré-construído se compreende como o vestígio, no enunciado individual, de discursos e conceitos prévios cuja origem se apagou. (AMOS-
SY; HERSCHBERG-PIERROT, 2001, p. 113)⁴

Tal articulação, a princípio, parece-nos proveitosa, tendo em vista que insere o estereótipo no aparato teórico da Análise do Discurso francesa (AD), e em consonância com seus pressupostos mais caros, como, por exemplo, a subjetividade, permitindo que possamos observá-lo para além da tradicional definição que sempre relaciona estereótipo com uma imagem preestabelecida. E é sobre essa relação estereótipo/pré-construído que devemos nos ater aqui, concentrando-nos nas semelhanças que podem ter desencadeado a relação estabelecida no trecho das autoras e também no que chamamos de *distanciamentos entre os dois conceitos*.

Desse modo, pretendemos observar que tanto um conceito quanto outro são independentes, embora seu funcionamento se aproxime em alguns casos. A hipótese que defendemos, veremos, é que, inclusive, são conceitos que circulam por regiões distintas do interdiscurso.

2 ESTEREÓTIPO E PRÉ-CONSTRUÍDO: APROXIMAÇÕES

Aceitando inicialmente a articulação proposta pelas autoras de que pré-construído e estereótipo têm uma dupla relação, analisemos especificamente a segunda parte da citação, a de que o pré-construído é o sinal de discursos e conceitos prévios cuja origem foi esquecida, ideia que se pode estender, obviamente, ao estereótipo.

De fato, tanto um quanto outro caracterizam-se por mostrar que algo foi enunciado ou mobilizado antes e por outros (que não sabemos quem), cindindo a materialidade linguística e evidenciando que o enunciável é constitutivamente heterogêneo.

No caso do estereótipo, como afirmam Amossy e Herschberg Pierrot (2001, p. 33), por ser rígido e estar cristalizado, está acessível a uma comunidade linguística que compartilha certos ideais. Pode funcionar como um fator de identidade social:

A adesão a uma opinião estabelecida, uma imagem compartilhada, permite, ainda, ao indivíduo, proclamar indiretamente sua adesão ao grupo do qual deseja fazer parte. Expressa, de algum modo, simbolicamente, sua identificação com uma coletividade, assumindo seus modelos estereotipados [...]. Ao mesmo tempo, garante a coesão do grupo, cujos membros aderem majoritariamente aos estereótipos dominantes. (AMOSSY; HERSCHBERG-PIERROT, 2001, p. 48)⁵

Ou ainda, segundo as autoras, como um processo cognitivo normal para que possamos adquirir, elaborar e armazenar informações (2001, p. 52).

Assim, como representações sociais preestabelecidas, os estereótipos, em seu funcionamento discursivo, têm certa relação com o funcionamento dos pré-construídos. Como estes últimos, além de marcar, como dissemos, a existência de um outro que fala através da enunciação dele, por serem uma representação social, estão carregados de juízos e valores.

Tanto pré-construído quanto estereótipo marcam (ou ao menos podem marcar, no caso do estereótipo) uma estreita relação com a ideologia. Se o pré-construído é um índice da interpelação do indivíduo em sujeito do discurso, é, obviamente, um índice da ideologia que transforma o indivíduo em sujeito de um discurso dado.

Também o estereótipo pode indicar, na medida em que identifica socialmente, uma ligação com certa ideologia (um discurso machista pode mostrar imagens de mulheres frágeis e inferiores intelectualmente, enaltecer a figura do homem etc.). Portanto, o estereótipo pode carregar significados marcados ideologicamente e sócio-historicamente. Por esse ponto de vista, acreditamos que a articulação estereótipo/pré-construído seja apropriada, na medida em que analistas do discurso possam dela/ nela se apropriar do conceito de estereótipo de forma mais ampla e mais consistente, sem dele fazer apenas menção, como se fosse uma categoria menos relevante.

Podemos estabelecer, também, outra relação entre estereótipos e pré-construídos que seria a possibilidade de os últimos poderem mobilizar os primeiros. O que, de fato, tanto os aproxima quanto os distancia, ou melhor, separa-os em categorias distintas. Dessa maneira, numa materialidade discursiva na qual se podem ressaltar pré-construídos de um discurso religioso, por exemplo, estes podem apontar, junto a outros índices da enunciação, para uma imagem de enunciador estereotipado, ou da categoria de enunciador que se põe naquele texto: um tal enunciador só poderia ser X ou Y.

O fragmento abaixo pode fazer que vejamos um pouco mais nitidamente essa relação:

“Por milênios, o sistema em que a nossa sociedade está estabelecida é uma genealogia de dupla linhagem, a do pai e a da mãe. *A peregrinação* desse sistema garante a cada indivíduo que ele pode encontrar seu lugar no mundo onde vive, porque ele sabe de onde vem. Um exercício comum, desde o curso preparatório, é o de solicitar à criança que reconstrua sua árvore genealógica, visto que, graças a este exercício, a criança se situa em relação a seu pai e sua mãe e também em relação à sociedade”.⁶

O trecho em destaque (um pré-construído religioso tanto judaico quanto cristão) pode contribuir para que possamos buscar, no nosso repertório de estereótipos, aquele do religioso defensor da família tradicional que vai se contrapor ao casamento homossexual.

Nesse outro trecho de um texto da senadora Kátia Abreu, publicado na *Folha de São Paulo*, em 2012, outra imagem superpõe-se

ao pré-construído, nesse caso a imagem da ruralista, que defende sua atividade como produção e condição para a erradicação da pobreza. Pode-se, também, reivindicar uma série de estereótipos, ligados a um ou a outro discurso específico: o da ruralista defensora do agronegócio, o da desmatadora, da inimiga da natureza, da produtora de alimentos etc.:

“É fundamental que o novo Código Florestal garanta segurança para que o país continue produzindo o melhor e mais barato alimento do planeta. É inaceitável *que o Brasil abra mão da sua capacidade produtiva*, deixando de contribuir plenamente para a redução da pobreza, já tendo a maior área de preservação do mundo”. (Grifo nosso)

Vê-se, assim, outro tipo de relação do estereótipo com o pré-construído, um pouco para além da equivalência entre eles. Aqui, o pré-construído é o sinal de uma posição diante de um discurso específico. No caso da citação de Kátia Abreu, a frase grifada expõe o discurso ruralista pelo qual o sujeito é interpelado. O posicionamento está claro. No que tange à mobilização de estereótipos, porém, não podemos afirmar (pelo menos não nesse caso) que um pré-construído remeta exatamente a um estereótipo. As imagens que elencamos anteriormente da ruralista, da desmatadora etc., só são mobilizadas no momento específico em que o leitor se vê compelido a tomar posição diante do texto. Nesse sentido, os estereótipos que podem ser impulsionados pelo pré-construído são resultados dos efeitos de sentido que surgem na interlocução.

Vejam, desse modo, além do que já foi abordado, algumas características das duas noções que podem distanciá-las e reforçar a sua separação em conceitos distintos.

3 ESTEREÓTIPO E PRÉ-CONSTRUÍDO: DISTANCIAMENTOS

Iniciemos pela questão do pré-construído e seu pertencimento ao interdiscurso. Vimos acima que o pré-construído “deixa” ver a interpelação do indivíduo em sujeito de um discurso. Isso só é possível, na medida em que ele é um elemento do interdiscurso. E é justamente nesse ponto que Possenti (2009) questiona a teoria da AD pecheuana.

Para o autor, há um deslocamento a ser feito com relação ao pertencimento dos pré-construídos, porque para interpretar a passagem clássica de Pêcheux, para quem o pré-construído “corresponde ao sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece/impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 151), segundo Possenti, teríamos de operar duas restrições. A primeira diz respeito ao fato de que somente poderia haver universalidade para uma FD.⁷ A segunda, ao fato de que nem todos os pré-construídos estariam “à disposição” do sujeito, mas somente “aqueles que ele pode/deve dizer” (POSSENTI, 2009, p. 156).

Assim, os pré-construídos seriam da ordem de cada FD e não da ordem do interdiscurso:

Em outras palavras, o “todo complexo” põe à disposição um conjunto X de pré-construídos, mas, para cada sujeito, ou para cada “comunidade” de sujeitos (ou, ainda, para cada FD), só são selecionáveis os pré-construídos aceitáveis para essa FD. Dizendo de outro modo, só estão disponíveis, para cada FD, os pré-construídos cujo sentido é evidente para essa FD. (POSSENTI, 2009, p. 156)

Como exemplo, vejamos abaixo o trecho de uma carta do cardeal Raymundo Damasceno Assis e do bispo Leonardo Ulrich, respectivamente, presidente e secretário geral da CNBB, a respeito da descriminalização do aborto de fetos anencefálicos:

“Legalizar o aborto de fetos com anencefalia, erroneamente diagnosticados como mortos cerebrais, é descartar um ser humano frágil e indefeso. A ética que proíbe a eliminação de um ser humano inocente não aceita exceções. Os fetos anencefálicos, como todos os seres inocentes e frágeis, não podem ser descartados e nem ter seus direitos fundamentais vilipendiados!”⁸

As expressões grifadas apontam para o pertencimento desses pré-construídos a um discurso específico: religioso contrário à descriminalização desse tipo de aborto. Considere-se ainda, o trecho “erroneamente diagnosticados como mortos cerebrais”, no qual “mortos cerebrais” penetra o discurso religioso, provavelmente na forma de simulacro (MAINGUENEAU, 2005) de outro discurso, favorável a esse tipo

de aborto. Além disso, o advérbio “erroneamente” o negativa, tornando esse provável simulacro explicitamente um falso pré-construído de outro discurso.

Aceitando, portanto, essa restrição de Possenti à teoria de Pêcheux, parece claro que, como os pré-construídos – elementos típicos de uma FD –, alguns estereótipos sejam também elementos de uma FD específica. Haveria aqueles que funcionariam como tipos de especificadores descritivos para algum discurso. Mesmo os preconceitos ligados à veiculação de estereótipos, aparentemente, estão ligados a um discurso específico: caracterizar o brasileiro como um povo que “não desiste nunca” ou o Brasil como o “país da impunidade” parece remeter a discursos bem distintos.

Em outro exemplo, presente materialmente numa reportagem de Ana Paula Sousa, na revista *Carta Capital*, sobre uma comunidade de mulheres ricas da internet, é possível notar a refutação de estereótipos provavelmente oriundos de algum discurso de depreciação da imagem das “socialites”:

“Nem sempre as socialites só vivem de festas e eventos sociais. Elas também têm seu trabalho, seja em ONG’s, projetos sociais ou... até mesmo um trabalho”.⁹

No caso da frase “nem sempre as socialites vivem de festas e eventos sociais”, refuta-se um estereótipo de socialite para construir outra imagem: a de que elas *também* trabalham, não somente vivem de eventos sociais. Trata-se de um estereótipo, que como um pré-construído, somente pode penetrar o discurso do enunciador através da negativa *nem sempre*, porque o estereótipo negado é oriundo de outro discurso que obedece a outra semântica.

Mas se pensarmos em estereótipos que circulam no humor, como os da loira e do gaúcho, por exemplo, veremos que há uma delimitação aparentemente clara de um espaço discursivo, no qual um posicionamento discursivo específico formula estereótipos de depreciação de um grupo étnico, de gênero etc. e de um discurso favorável a esse grupo. Nesse caso, os estereótipos seriam exemplos de simulacros (MAINGUENEAU, 2005). Por isso, não se trata efetivamente de um correlato do pré-construído, porque teríamos uma espécie de

enunciado que, verdadeiramente, não pertence nem a um nem a outro discurso. Possenti (2009, p. 164) afirma que “não pertencem, a rigor, a discurso nenhum”.

Há outros exemplos de estereótipos que, aparentemente, não estão ligados a um discurso específico. Vejamos este fragmento do texto de Flora Monteiro, retirado da revista *Veja*:

“Incentivada por amigos do colégio, a paulistana Fernanda Malta, de 18 anos, comprou seu primeiro skate há nove meses. *Com colar no pescoço e maquiada*, ela desliza por ruas, parques e pistas e é uma das que aderiram à modalidade nos últimos cinco anos...”
(Grifo nosso)

O trecho destacado libera na enunciação elementos que facilmente são associados ao estereótipo “mulheres (ou, no caso, meninas) vaidosas”, isso porque ele funciona como um lastro de memória. Assim, quando o trecho fornece elementos descritivos ao leitor, este compreende que, mesmo quando “invadem” espaços tipicamente masculinos, como o dos esportes radicais, as mulheres não deixariam de ser mulheres, ou, no caso, não deixariam de ser vaidosas. O trecho descritivo ressaltado estimula uma memória facilmente associada ao estereótipo da vaidade que, por sua vez, insere a jovem no rol de possibilidades femininas de nossa sociedade: ela é uma jovem vaidosa, como tantas outras a quem podemos associar tal estereótipo.

O trecho expõe, portanto, o que seria um índice de identificação do feminino, a vaidade. Trata-se de um estereótipo, mas aparentemente não se trata de um estereótipo que esteja ligado essencialmente a um discurso (ou a uma FD) específico. Isso permitiria que certos estereótipos circulassem mais livremente pelos discursos que outros intimamente ligados a discursos específicos (portanto, mais livremente que pré-construídos). Vejamos, no exemplo abaixo, o mesmo estereótipo (mulher vaidosa) presente num outro texto, publicado no *site* da revista *Marie Claire*, cujo teor é bem mais declaradamente feminista que o do primeiro. Trata-se de uma notícia que relata a pesquisa de uma antropóloga¹⁰ sobre as mudanças na vida de mulheres de regiões pobres do Nordeste e de Minas Gerais, em decorrência do programa Bolsa Família. A certa altura da notícia, pode-se ler:

“Há mais liberdade no dinheiro”, resume Edineide, uma das entrevistadas de Walquiria, residente em Pasmadinho, no Vale do Jequitinhonha. As mulheres são mais de 90% das titulares do Bolsa Família: são elas que, mês a mês, sacam o dinheiro na boca do caixa. Edineide traduz o significado dessa opção do governo por dar o cartão do benefício para a mulher: “Quando o marido vai comprar, ele compra o que ele quer. E se eu for, eu compro o que eu quero.” Elas passaram a comprar Danone para as crianças. E, a *ter direito à vaidade*. Walquiria testemunhou mulheres *comprarem batons para si mesmas* pela primeira vez na vida.¹¹

Pensando em outros exemplos, agora do campo discursivo do humor, a representação da criança, que se faz nas tiras cômicas com personagens infantis, permite-nos observar que há alguns estereótipos de criança que são retomados e funcionam como condição para a produção do humor. O que dizer de estereótipos como “criança ingênua”, ou “criança imaginativa”? A que FD poderíamos sugerir que eles se submetem?

Aparentemente não são estereótipos que estejam submetidos a uma FD ou a um discurso específico, mas, como no caso dos trechos das reportagens da revista *Veja São Paulo* e da *Marie Claire* expostos anteriormente, operam como especificadores de identificação de uma classe/categoria de indivíduos.

Estariamos, pois, diante de estereótipos cuja ligação específica com um discurso, embora tenham tido sua gênese em algum, esteja apagada? Herschberg-Pierrot (1980) aponta, no trecho a seguir, o alcance do estereótipo e sua aparente universalidade:

O estereótipo – então de expressão mais ampla que o clichê – designa todo ritual, toda prática pronta (*reçue*). Ideia pronta: prontas, isto é, que aceitamos de autoridade, sem as repensar, mas também cujo processo de produção esteja apagado. Essas ideias, sempre já-lá, parecem naturais: é a expressão do bom-senso, a sabedoria das nações, a evidência universal. (p. 340)¹²

Nossa hipótese é a de que há casos de estereótipos que são menos livres e outros que estão mais próximos do domínio da *doxa*. Assim, haveria estereótipos típicos de um discurso, isto é, que estariam na

sua ordem e operariam tanto identificação quanto “desidentificação” daquele que é seu agente. É o caso de estereótipos de argentinos que circulam no discurso humorístico brasileiro claramente opostos a estereótipos que esse mesmo discurso assume como de identificação do brasileiro.

Os estereótipos que estariam menos ligados a discursos específicos, ou que seriam mais livres, como dissemos, são aqueles que estariam associados a um tipo de memória que não é aquela de um único discurso, mas que atravessam as fronteiras existentes entre os discursos sem se tornarem simulacros. Estariam incluídos nesse tipo de estereótipo tanto a imagem da mulher vaidosa, quanto a imagem da criança ingênua, ambos estereótipos que parecem estar ligados a uma memória discursiva mais longa, o que quer dizer que teriam ligação com nosso próprio processo civilizador (ELIAS, 1939) e talvez por isso consigam perpassar vários discursos.

Haveria de se operar, portanto, uma distinção entre tipos de estereótipos em pelo menos duas categorias: aqueles que são resultantes de um discurso específico e os que, de forma aparente, não estão necessariamente submetidos a um discurso ou a uma FD específicos. Dessa forma, poderíamos repensar o modo de articulação entre os conceitos que resolvemos explorar neste artigo, sem desprezá-la.

Ainda com enfoque nessa distinção, é provável que seja uma questão de pertencimento a uma ou outra dimensão interdiscursiva. Estereótipos do primeiro tipo talvez sejam exemplos de um pertencimento a discursos que estejam relacionados num mesmo espaço discursivo, enquanto estereótipos do segundo tipo possam ser exemplos que circulem pelos campos discursivos sem muita restrição.¹³

Aceitando essa possibilidade, estaríamos afirmando que certos estereótipos podem circular pelos campos discursivos de forma mais livre que outros, o que não quer dizer que os discursos pertencentes a um campo não “prefiram” um ou outro estereótipo. Discursos do campo científico, talvez, não pusessem a circular estereótipos tipicamente ligados a uma ideologia, ou tipicamente grosseiros e pejorativos. No entanto, discursos do campo literário ou do campo humorístico talvez pusessem.

Quanto ao fato da “preferência”, seria necessário estudar um estereótipo e perceber sua recorrência por um ou outro campo, para poder afirmar isso com um pouco mais de certeza.

De certa forma, fica um pouco mais claro que parece haver uma série de estereótipos mais livres e outros mais fortemente vinculados a um discurso específico. Assim, há tanto um afastamento como uma aproximação do estereótipo com o funcionamento dos pré-construídos nos discursos.

3.1 *O linguístico e o não linguístico*

Outra questão que parece fazer estereótipo e pré-construído distanciarem-se é o fato de o segundo estar intimamente ligado ao material linguístico, não estando, assim, disponível ao analista em outras semioses. Ele é perceptível, pois, nas nominalizações e nas relativas, por exemplo, que são formas estritamente linguísticas.

O estereótipo, por outro lado, além de ser disparado por índices linguísticos dos discursos, pode também ser facilmente perceptível em outras semioses. Várias ilustrações fazem parte da mesma reportagem da revista *Carta Capital*, citada anteriormente. Numa delas, podemos notar duas mulheres vestidas com trajes elegantes (provavelmente de festa), cada uma portando uma taça de champanhe, uma delas levando um gato dentro de sua bolsa e a outra conduzindo um cão (um *poodle*, talvez) com uma tosa bastante adornada. Atrás vê-se um homem num automóvel conversível.

As ilustrações elaboradas por Gonzalo Cárcamo para a reportagem, associadas ao conteúdo do texto escrito, estimulam a rememoração de estereótipos relativos à vida das mulheres que são o objeto da reportagem. A imagem que se veicula das mulheres ricas, na gravura descrita no parágrafo anterior, é aquela justamente refutada pelo trecho que citamos acima, a da socialite que vive de eventos sociais.

O efeito de pré-construído, como está ressaltado em Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 401), está associado a “operações de encaixamento sintático (relativa, nominalização, adjetivo deslocado etc.)”. Observemos que, se se trata de elementos típicos da sintaxe, estão relacionados exclusivamente com a língua e não com outras linguagens, como a caricatura, a gravura, a pintura etc.

Marandin, por outro lado, sugere uma ultrapassagem da relação do pré-construído com a sintaxe, já que, “na origem [da AD], a noção de pré-construído é definida a um único plano de organização: a sintaxe”

(MARANDIN, 2010, p. 131). Nesse reenquadramento, “todo plano de organização autônomo” (p. 132) poderia ser “suscetível de instaurar um efeito de pré-construído” (p. 132).

A sugestão de Marandin passa por uma extensão da aplicação do conceito a outros domínios que não o sintático, mas aparentemente não sugere que esses planos de organização autônomos que poderiam engendrar efeitos de pré-construído pudessem pertencer a outros domínios além do linguístico.

4 CONCLUSÃO

Partindo de uma aproximação e chegando a distanciamentos que julgamos necessários, tentamos elucidar que a articulação dos dois conceitos parece de fato possível, mas merece, de alguma forma, ajustes ou, ao menos, cautela. Ficamos, obviamente, tentados a referendar a articulação de estereótipo e pré-construído, já que simplificaria a abordagem do primeiro na perspectiva da AD. No entanto, é necessário que se analise o estereótipo em toda sua complexidade.

É verdade que o papel do estereótipo no discurso é bem próximo do efeito de pré-construído. Ele elucidada, ao seu modo, a precedência do interdiscurso sobre o discurso. Nesse sentido, é um sinal que marca a heterogeneidade discursiva e não (ao menos não em todos os casos) um índice da interpelação ideológica.

Temos de atentar, portanto, que há várias outras marcas que também atestam tal heterogeneidade. Há uma série de outros enunciados e categorias que remetem a uma produção do outro: o clichê, o lugar comum, o provérbio, o idiomatismo são exemplos disso. Tais categorias, aparentemente, não necessitam estar em relação com um conceito como o de pré-construído para que possam servir aos propósitos da AD. O estereótipo, porém, como uma imagem cristalizada, e talvez por isso mesmo, por ser uma categoria essencialmente ligada à imagem de grupos sociais, de categorias humanas, de etnias suscite uma necessidade de enquadramento na teoria discursiva.

É de fato, nesse ponto, que gostaríamos de concluir. A teorização discursiva sobre o estereótipo parece ser algo necessário, até porque se trata de uma noção com largo alcance, não só no meio científico, mas

também no senso comum. Seu refinamento é necessário. As discussões que fizemos aqui pretendem, pois, contribuir com o debate sobre o tratamento discursivo do estereótipo.

STEREOTYPE AND PRECONSTRUCTED: AN ARTICULATION IS IT POSSIBLE?

ABSTRACT

Considering the small approach of notion of stereotype in French Discourse Analysis, this paper aims to evaluate the link proposed in Amossy and Herscheberg-Pierrot (2001) between the notions of stereotype and preconstructed. At first we accept the link and show few contact points between them. After we observe the specific characteristics of each notion, reinforcing their separation into two distinct and operative notions in Discourse Analysis. Observing the need to carefully evaluate the articulation of the two concepts, we propose that there are stereotypes associated to specific discourse, a fundamental characteristic of the preconstructed, and there are those that are closest in a domain of doxa.

KEY WORDS: French Discourse Analysis, stereotype, preconstructed.

ESTEREOTIPO Y PRECONSTRUIDOS: ¿UNA ARTICULACIÓN ES POSIBLE?

RESUMEN

En vista de un tratamiento poco amplio del concepto de estereotipo en la escuela francesa de Análisis del Discurso, el presente artículo pretende evaluar la propuesta de articulación de Amossy y Herscheberg-Pierrot (2001) entre los conceptos de estereotipo y preconstruido. Inicialmente, aceptamos la articulación y mostramos algunos puntos de contacto entre ellos. Luego, se observan las características específicas de cada concepto y se refuerza su separación en dos distintos y operativos conceptos de Análisis del Discurso. Al observar que es necesario tener cuidado en la articulación de los dos conceptos, proponemos que hay estereotipos asociados a discursos específicos, una característica fundamental del preconstruido, y hay aquellos que están más cerca de un dominio de la doxa.

PALABRAS CLAVE: escuela francesa de Análisis del Discurso, estereotipo, preconstruido.

NOTAS

1. Uma primeira versão deste texto foi apresentada em simpósio no 2º *Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários* (CIELLI), em 2012, na Universidade Estadual de Maringá (PR).
2. Ver, a propósito, Faraco (2006, p. 57).
3. Para Ducrot, a polifonia é uma categoria que recobre a multiplicidade de locutores e enunciadores de um enunciado, rompendo com a ideia de que há para cada enunciado um locutor. Para ele, é possível identificar num enunciado categorias distintas de entidades responsáveis de fala. Citemos como exemplo o provérbio, cuja enunciação revela não só um locutor (enquanto pessoa no mundo, que de fato profere o provérbio), mas enunciadores distintos, um dos quais confunde-se com o próprio locutor e outro que pode ser compreendido como a “sabedoria popular”, por trás de quem o primeiro enunciator apaga-se (MAINGUENEAU, 2010, p. 173).
4. Tradução nossa do original: “El estereotipo se relaciona así por partida doble con lo preconstruido: en el sentido de que designa un tipo de construcción sintáctica que pone en marcha lo preafirmado y, en un sentido más amplio, de que lo preconstruido se comprende como la huella, en el enunciado individual, de discursos y juicios previos cuyo origen se ha borrado”.
5. Tradução nossa do original: “La adhesión a una opinión establecida, una imagen compartida, permite además al individuo proclamar indirectamente su adhesión al grupo del que desea formar parte. Expresa de algún modo simbólicamente su identificación a una colectividad, asumiendo sus modelos estereotipados [...]. Al mismo tiempo, garantiza la cohesión del grupo, cuyos miembros adhieren mayoritariamente a los estereotipos dominantes”.
6. Trecho de documento do rabino Gilles Bernheim sobre o casamento homossexual, com tradução e grifo nossos. Trecho original: “Depuis des millénaires, le système sur lequel est fondée notre société est une généalogie à double lignée, celle du père et celle de la mère. La pérennité de ce système garantit à chaque individu qu’il peut trouver sa place dans le monde où il vit, car il sait d’où il vient. Un exercice courant, dès le cours préparatoire, est d’ailleurs de demander à l’enfant de reconstituer son arbre généalogique car, grâce à cet exercice, l’enfant se situe par rapport à son père et à sa mère et aussi par rapport à la société”.
7. No artigo, o autor toma FD (formação discursiva) numa discussão sobre o pré-construído e sua relação com as FD e com o interdiscurso em três

- autores diferentes (Pêcheux, Courtine e Maingueneau). O recorte que fazemos aqui está inserido nas discussões sobre Pêcheux. Sendo assim, a FD deve ser compreendida do modo como foi formulada por este autor e seus pares. Para simplificar, aceitemos a clássica definição de Haroche, Pêcheux e Henry, para quem FD é aquilo que determina “*o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura dada*” (1971, p. 27). Para uma introdução ao conceito de FD, ver Baronas (2011).
8. “Nota da CNBB sobre o aborto de feto “anencefálico” referente ao julgamento do Supremo Tribunal Federal sobre a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental n. 54”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/04/em-nota-cnbb-lamenta-legalizacao-do-aborto-de-feto-sem-cerebro.html>>. Acesso em: 3 maio 2012. Grifos nossos.
 9. Fala de uma integrante da “Agenda Black”, comunidade de mulheres ricas da internet, reproduzida na reportagem da revista *Carta Capital*, de 16 de maio de 2012.
 10. A pesquisa da antropóloga foi publicada posteriormente em um livro (ver RÊGO e PINZANI, 2013).
 11. O texto completo, *O Bolsa Família e a revolução feminista no sertão*, de Mariana Sanches, está disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2012/11/o-bolsa-familia-e-revolucao-feminista-no-sertao.html>>. Acesso em: 20 dez. 2012. Grifos nossos.
 12. Tradução nossa do original : “Le stéréotype – alors d’extension plus large que le cliché – désigne tout rituel, toute pratique reçue. Idée reçue : reçues, c’est-à-dire qu’on les accepte d’autorité, sans les repenser, mais aussi que le processus de leur production s’est effacé. Ces idées, toujours déjà là, semblent naturelles : c’est l’expression du bon sens, la sagesse des nations, l’universelle évidence”.
 13. Sobre campo e espaço discursivo, ver Maingueneau (2005).

REFERÊNCIAS

- ABREU, K. Um Código Florestal para o Brasil. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mercado, p. B8. Edição de 12 de maio de 2012.
- AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. *Estereótipos y clichés*. Tradução de Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2001.

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Alda Scher; Elsa Maria Nitsche Ortiz. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 11-80.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, [1929]2004.
- BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João, 2011.
- BERNHEIM, G. *Mariage homosexuel, homoparentalité et adoption: ce que l'on oublie souvent de dire*. Disponível em: <<http://www.grandrabbindefrance.com/mariage-homosexuel-homoparentalit%C3%A9-et-adoption-ce-que-l%E2%80%99-oublie-souvent-de-dire-essai-de-gilles-bern>>. Acesso em: 8 fev. 2013.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Orgs.). *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, 2009.
- DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. Tradução de Eduardo Guimarães. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-218.
- ELIAS, N. O processo civilizador. Vol.1. *Uma história dos costumes*. 2. ed. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1939]1994.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. 2. ed. Curitiba: Criar, 2006.
- HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, [1971]2011. p. 63-75.
- HERSCHBERG-PIERROT, A. Problematique du cliché: sur Flaubert. *Poétique: Revue de Théorie et D'analyse Littéraire*, Paris, n. 43, p. 334-345, Septembre 1980.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.
- _____. Polifonia – polifonia, provérbio e desvio. In: _____. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 171-186.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Pêcheux hoje*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARANDIN, J.-M. Sintaxe, discurso: do ponto de vista da análise do discurso. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura*. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2010. p. 117-141.

MONTEIRO, F. Meninas sobre rodas. *Veja São Paulo*, 15 de fevereiro de 2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Ed. Unicamp, [1975]2009.

POSSENTI, S. Observações sobre interdiscurso. In: _____. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009. p. 153-168.

RÊGO, W. D. L.; PINZANI, A. *Vozes do Bolsa Família*: autonomia, dinheiro e cidadania. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

SOUSA, A. P. Mulheres ricas. De verdade. *Carta Capital*, p. 36-40, 16 de maio de 2012.

Recebido em 12 de maio de 2014

Aceito em 30 de agosto de 2014
